

Introdução

Para a leitura das Atas do V Encontro Anual da AIM

Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* define ‘ata’ como ‘registo de sessão de colectividades deliberativas’. As atas de um encontro académico poderão estar isentas do peso ‘deliberativo’ que aqui se atribui a este conceito, mas não há dúvidas de que o carácter de *registo* e de *colectividade* lhes é central. Falar de academia e, mais concretamente, de uma associação como a AIM, é falar de uma comunidade de pessoas que, ainda que trabalhando isoladamente ou à distancia, partilham princípios, interesses, métodos e objectivos de investigação que são, senão comuns, pelo menos mutuamente inteligíveis.

No caso da AIM, trata-se de uma comunidade de pessoas que partilha um mesmo objecto de análise – a imagem em movimento –, ainda que podendo divergir nas perspectivas e nos fins que pretendem, com essa análise, alcançar. Falar da imagem em movimento e de imagens em movimento – no cinema, no pré-cinema, na televisão, na internet, nos sistemas televisivos de circuito fechado (CCTV), nos videojogos, em suporte digital ou analógico, como parte de instalações artísticas, museus ou arquivos – é o que nos faz querer reunir todos os anos, enquanto associação e durante alguns dias, num espaço preparado para o efeito. Se a AIM deve a sua existência legal a um ato notarial que remonta aos inícios do ano de 2010, é nas suas atividades, e em particular nos seus encontros anuais, que a sua existência enquanto comunidade se constrói, afirma e confirma. Registrar esses momentos, contribuir para a recolha e acumulação de conhecimentos (no duplo sentido de saberes e contactos/ relações), que de outra forma se perderiam na amnésia do tempo, é a função que entendemos assistir às atas dos seus encontros.

O V Encontro Anual da AIM decorreu no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa nos dias 21, 22 e 23 de Maio de 2015, numa realização conjunta entre a AIM, o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), e a pós-graduação em Culturas Visuais Digitais do ISCTE-IUL. Contou, pela terceira vez consecutiva, com o apoio da Fundação para a Ciência e a

Tecnologia (FCT). Em resposta à chamada de trabalhos, foram recebidas 217 propostas de comunicações, das quais foram rejeitadas 36 (17%), em resultado da classificação emitida pelos dez membros da comissão científica que avaliou todas as propostas. O Encontro reuniu cerca de 250 participantes, entre membros e não-membros da AIM, oriundos de países como Espanha, Inglaterra, Escócia, França, Itália, Alemanha e Bélgica, para além de Portugal e do Brasil, de onde afluíram a maior parte dos participantes. Foram três os conferencistas convidados: Laura Rascaroli (School of Languages, Literatures and Cultures, da University College Cork, Irlanda), Toby Miller (University of Cardiff, País de Gales/ Murdoch University, Austrália) e Lúcia Nagib (University of Reading, Reino Unido).

Para além das conferências plenárias, foram apresentadas 180 comunicações nas línguas oficiais do Encontro (português, inglês e castelhano), distribuídas por 45 painéis, por sua vez organizados em blocos de cinco painéis simultâneos. De salientar que 12 destes painéis foram propostos pelos Grupos de Trabalho da AIM (GTs) – consistindo, à data, no GT de Cultura Visual Digital; o GT de História do Cinema Português; o GT de Cinemas em Português; o GT de Paisagem e Cinema; o GT Outros Filmes; o GT da Teoria dos Cineastas; e o GT de Narrativas Visuais – que têm vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante nos Encontros.

Este ano houve ainda um programa pré-encontro, no dia 20 de Maio, que se desdobrou em dois eventos: uma mesa-redonda subordinada ao tema ‘Antropologia e cultura visual: experiências de ensino’, que reuniu os antropólogos Celso Castro (Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, Brasil), Filipe Reis (ISCTE-IUL), Catarina Alves Costa (FCSH-UNL) e Humberto Martins (UTAD), em que se discutiu o ensino da antropologia visual em Portugal e no Brasil; e uma sessão de cinema, com a apresentação dos filmes *O Velho do Restelo*, de Manoel Oliveira (em homenagem ao realizador, falecido em 2015) e *João Bénard da Costa – Outros Amarão as Coisas que eu Amei*, de Manuel Mozos, com a presença do realizador. O programa pré-encontro beneficiou dos apoios da Casa Independente (onde decorreu a mesa redonda) e da Rosa Filmes (na sessão de cinema, que teve lugar no Teatro do Bairro).

Houve ainda uma sessão de apresentação de livros publicados por associados da AIM. Todos os eventos registaram elevados níveis de participação. As três conferências plenárias, bem como a mesa redonda, foram registadas em suporte de vídeo digital. Estarão brevemente disponíveis para consulta no sítio da AIM.

As atas que aqui se editam e apresentam não pretendem reproduzir a totalidade das comunicações realizadas em Lisboa nesses três dias de maio. A submissão destas às atas dos encontros da AIM é, recordamos, voluntária. São 67 as comunicações que acabámos por conseguir reunir, num paciente trabalho de edição que contou com a colaboração dos autores, a quem não podemos deixar de agradecer a generosidade de permitirem o registo, através desta publicação, de apresentações efémeras, inicialmente concebidas para ocuparem uns escassos 20 minutos. É importante acrescentar que o trabalho de edição se focou sobretudo em aspectos formais e linguísticos, não tendo existido uma avaliação académica por pares (processo conhecido como *peer-review*), pelo que o conteúdo dos textos que aqui publicamos (desde dados qualitativos e quantitativos à elaboração do argumento) é da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O objectivo destas atas é reunir os trabalhos apresentados oralmente no V Encontro da AIM. Recordamos que existe um outro órgão da AIM, a *Aniki : Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, onde sócios e não-sócios puderam submeter alguns destes trabalhos segundo os protocolos académicos atualmente em vigor.

Os critérios da organização do índice procuraram agrupar os textos de forma a manter uma coerência temática, evitando a multiplicação de secções. Daí que, à excepção do GT Outros filmes, não tenha sido possível manter a organização temática do programa. De fora destas atas ficaram muitas outras comunicações, não menos estimulantes, bem como toda a panóplia de conversas, gestos e afectos que tiveram lugar durante os dias do Encontro. Se esses momentos são, inevitavelmente, irrecuperáveis, o seu registo incompleto e editado nestas atas pretende contribuir para que se consiga preservar o carácter essencial do V Encontro da AIM, entendido como um encontro feito

por pessoas para pessoas, e da AIM, entendida como uma associação que aspira a tornar-se, cada vez mais, numa verdadeira comunidade.

A todos os que deliberadamente procuraram estas atas, ou que nelas distraidamente tropeçaram, desejamos boas leituras!